



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

LUIZ FERNANDO HILLESHEIN

A ALTERNÂNCIA DO GÊNERO MORFOLÓGICO NO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM DIALETOS ALEMÃES NA REGIÃO SUL DO PAÍS

FLORIANÓPOLIS
2019

LUIZ FERNANDO HILLESHEIN

A ALTERNÂNCIA DO GÊNERO MORFOLÓGICO NO PORTUGUÊS EM CONTATO
COM DIALETOS ALEMÃES NA REGIÃO SUL DO PAÍS

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em
Linguagens e Educação a Distância, Centro de
Comunicação e Expressão, Universidade Federal de
Santa Catarina – Polo de Palhoça

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Quarezemin

Coorientadora: Ma. Damaris Matias Silveira

FLORIANÓPOLIS
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hilleshein, Luiz Fernando

A Alternância do Gênero Morfológico no Português em Contato com Dialetos Alemães na Região Sul do País / Luiz Fernando Hilleshein ; orientador, Sandra Quarezemin, coorientador, Damaris Matias Silveira, 2019. 48 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de Linguagens e Educação e Distância, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Alternância, Gênero, Dialetos, Alemães, Português. I. Quarezemin, Sandra. II. Silveira, Damaris Matias. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Linguagens e Educação e Distância. IV. Título.

Luiz Fernando Hilleshein

**A Alternância do Gênero Morfológico no Português em Contato com Dialectos
Alemães na Região Sul do País**

O presente trabalho de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora
compostas dos seguintes membros:

Profa. Ma. Damaris Matias Silveira (coorientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Ma. Livia de Melo Reis
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. Kayron Beviláqua
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta versão original e final do Trabalho de Conclusão foi julgado adequado
para a obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Prof. Dr. Celdon Fritzen
Coordenador do Programa

Prof. Dra. Sandra Quarezemin
Orientadora

RESUMO

Objetiva-se, neste trabalho, contemplar o fenômeno da alternância do gênero morfológico do português em contato com dialetos alemães – principalmente o Hünserütsch – e, diante dessa temática, busca-se, não só retratar as ocorrências do ponto de vista da morfossintaxe, mas também retratar a preciosidade da língua dos imigrantes europeus que saíram de sua terra natal para buscar uma vida melhor para suas famílias, bem como para seus descendentes. Para tanto, basearemos a pesquisa nos conceitos da Dialetologia e Geolinguística Pluridimensional, abarcando, também, as bases da Sociolinguística. Dessa forma, busca-se responder em que nível ocorre a interferência dos dialetos alemães adquiridos como Língua Materna (L1) na realização do Gênero ao se servir do português no papel de segunda língua (L2). A metodologia consiste de abordagem quali-quantitativa, utilizando como *corpus* vocábulos já levantados como dados no Atlas Linguístico da Região Sul do Brasil – ALERS. Mediante os resultados apresentados, verificou-se a necessidade de uma pesquisa de campo futura baseada em inquéritos a serem dirigidos na Região de Águas Mornas – SC, com falantes bilíngues, para uma melhor avaliação do fenômeno.

Palavras-chave: Alternância; Gênero; Bilíngues; Dialetos; Alemães; Português.

ABSTRACT

The objective of this work is to contemplate the phenomenon of alternation of the morphological genre of Portuguese in contact with German dialects – especially the Hünserisch – and, in view of this theme, it seeks to not only reflect the occurrences from the viewpoint of Morphosyntax, but also to retrace the preciousness of the language of European immigrants who came out of their homeland to seek a better life for their families, as well as for their descendants. To this end, we will base the research on the concepts of dialectology and Pluridimensional Geolinguistics, also encompassing the bases of sociolinguistics. Thus, it seeks to respond to what level the interference of the German dialects acquired as the mother tongue (L1) occurs in the realization of the genre when serving the Portuguese in the role of Second Language (L2). The methodology consists of a qualitative-quantitative approach, using as corpus words already raised as data in the linguistic Atlas of the southern region of Brazil – ALERS. Through the results presented, it was verified the necessity of a future field research based on surveys to be directed in the region of Águas Mornas-SC, with bilingual speakers, for a better evaluation of the phenomenon.

Keywords: Alternation; Gender; Bilingual; Dialects; German; Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL E LINGUÍSTICO.....	11
1.1. A Colonização e as Línguas de Imigrantes	11
1.2. Colonização Alemã na Região da Grande Florianópolis.....	15
2. DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA.....	18
2.1 Dialetoлогия	18
2.2 A Sociolinguística em parceria com a Geolinguística	23
2.3 Língua e Dialeto.....	24
2.4. Variações Standard e Vernacular.....	28
2.5 Estudos Relevantes: Bilinguismo e Contato Linguístico no Sul do Brasil	29
3 GÊNERO MORFOLÓGICO	32
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
5. ANÁLISE DOS DADOS: AMOSTRA DO ALERS ENTRE BILÍNGUES E NÃO BILÍNGUES.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Admite-se que, ao conviver em uma comunidade bilíngue, um indivíduo tem acesso a um mosaico cultural e linguístico mais rico do que se convivesse em uma comunidade monolíngue. Partindo-se do fato de haver aproximadamente 5.000 línguas no mundo, presume-se que cada uma delas, mesmo com suas peculiaridades, servem, inadvertidamente, ao mesmo propósito, a comunicação, entre outras funções. Em havendo contato entre línguas, a riqueza desse contato linguístico nos amplia os horizontes, dado o objeto cultural da linguagem. Dito de outra forma, considera-se que, além das possibilidades de mútuas interferências linguísticas que afetam as línguas em contato nos diversos níveis da gramática e do léxico, os falantes dessas línguas e de seus dialetos, monolíngues ou bilíngues, ampliam seu acervo cultural.

No presente trabalho, tem-se o objetivo de contemplar o fenômeno da alternância do gênero morfossintático do português em contato com dialetos alemães – principalmente o Hünserüchisch – e, diante dessa temática, busca-se, não só retratar as ocorrências do ponto de vista da morfologia, mas também retratar a preciosidade da língua dos imigrantes europeus que abandonaram sua terra natal para buscar uma vida melhor para suas famílias, bem como para seus descendentes.

Diante da realidade de uma comunidade bilíngue, os sujeitos têm à disposição uma rica cultura linguística, visto que cada língua ou dialeto é composto de suas peculiaridades, mas se prestando indubitavelmente ao mesmo propósito, o ato de comunicar. Em nosso trabalho, buscaremos ir além das possibilidades de mútuas interferências linguísticas que afetam as línguas em contato nos diversos níveis da gramática e do léxico, os falantes dessas línguas e de seus dialetos, monolíngues ou bilíngues.

Esta monografia será calcada nos conceitos da Dialetologia e Geolinguística Pluridimensional, abarcando, também, as bases da Sociolinguística, servindo, assim, de referência aos interessados nos estudos de Bilinguismo e Contato Linguístico e a linguistas, em geral, que desejam incluir, em sua gama de conhecimento, uma fatia importantíssima do referencial linguístico brasileiro: a língua de imigrantes, que permanece viva em inúmeras comunidades espalhadas em todo país no contexto das línguas brasileiras.

Na região sul do Brasil, compreendendo os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, registram-se diferentes falares e variedades do português e diversas línguas de imigrantes, além de alguns núcleos de falantes de línguas indígenas. Em razão da larga heterogeneidade das colonizações, há línguas e dialetos que, ao se somarem, formam um rico mapa linguístico nessa região. Um verdadeiro “raio-x” dessa identidade linguística está retratado, de forma bastante detalhada, no ALERS – Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil. Junto a russos, poloneses, prussianos etc. destacam-se os falantes dos dialetos italianos (vêneto, trentino, bergamasco e outros) e Alemães (westfaliano, hünrückisch, entre outros).

Visto que se tratará da interferência dos dialetos alemães na morfologia do português, será necessário tecer, mesmo que de forma breve, um eixo sociohistórico, retratando o fator imigração, cultura, comportamento e a própria transformação do pensamento dos imigrantes alemães e de seus descendentes, considerando o binômio espaço/tempo.

Diante da percepção do uso de concordância nominal de gênero não-canônica (masculino e feminino), entre os falantes bilíngues de português e o hünrückisch, decidiu-se pesquisar o grau de interferência dos dialetos alemães na aplicação dessa regra; visto que os informantes de comunidades bilíngues, quando falam português, tendem a apresentar um grau de desvio do gênero considerado padrão¹, suscitando a ideia de que possa existir interferência do dialeto no português falado.

Tal estudo fundamenta-se na seguinte hipótese: A alternância de gênero no português falado em áreas de contato ocorre em maior grau nos falantes que têm o Hünrückisch ou outro dialeto como língua materna do que nos falantes bilíngues precoces ou monolíngues em português. Essa hipótese considera a seguinte pergunta: Em áreas de contato linguístico entre o e dialetos alemães no sul do Brasil, o grau de alternância de gênero em português pode ser associado ao grau de bilinguismo?

A hipótese contrastiva, ou hipótese da interferência, baseia-se nos ideais behavioristas da teoria de aprendizado. Seus precursores, Fries (1945) e Lado (1957), enfocaram a noção do desvio do padrão no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Lado (1957), usuários da mesma língua materna realizavam os mesmo desvios do padrão ao se servirem da língua-alvo (L2). Se considerarmos a hipótese da

¹ Ou uma alternância diferenciada em comparação com os monolíngues.

interferência, a aquisição de uma L1 e de uma L2 não acontece igualmente, pois, ao adquirir a L2, o indivíduo já se serve de uma língua materna (L1). Nesse sentido, o conhecimento linguístico já existente serve de ponte automaticamente.

Com base nos referidos autores, a(s) L1 funciona(m) como base, visto que determinadas regras linguísticas idênticas nas duas línguas tornam o aprendizado mais fácil, Ao passo que, no caso de diferirem, levam a dificuldades na aprendizagem e, desta forma, aos desvios. Resumidamente tem-se que: “Aqueles elementos que são similares aos da língua nativa serão simples a ele (aprendiz), e os elementos que diferem serão difíceis²” (LADO, 1957, p.2).

A fim de se compreender a alternância de gênero nesse caso, é necessário entender o conceito de interferência linguística que, segundo Margotti (2004, p. 97),

acontece quando enunciados de uma língua contêm alguns elementos que pertencem a outra língua. Ou, em outras palavras, diz-se que há interferência quando um sujeito bilíngue utiliza em uma língua- alvo “A” traços fonéticos, prosódicos, mórficos, sintáticos, discursivo-pragmáticos ou lexicais da língua “B”.

Outro desdobramento a ser considerado é o grau de bilinguismo que, mesmo considerando sua variabilidade de pessoa para pessoa (cf. Titone, 1993, p.39 *apud* Margotti 2004, p.72), pode influenciar diretamente na proporção da interferência, já que o menor grau de bilinguismo favorece a aquisição e a realização L2, uma vez que a percepção e a pronúncia não estão, digamos assim, moldadas pelos sistemas fonético-fonológico ou morfossintático do alemão (ou de seus dialetos).

Para compreender, também, a ideia de bilinguismo precoce, destacamos que ele ocorre

quando uma criança aprende a falar duas línguas ou mais línguas ao mesmo tempo, isto é, quando tem mais de uma língua materna. O bilíngue precoce, em que a aquisição de mais de uma língua ocorre no período de 0 a 5 anos, também denominado “equilíngue” ou bilíngue “equilibrado” (native-like speaker, na terminologia de Bloomfield). Por outro lado, a aquisição de uma segunda língua após a idade de 5 anos e, principalmente, depois de adulto, é

² “Those elements that are similar to his native language will be simple for him, and those elements that are different will be difficult”.

considerado “bilinguismo aditivo”. Nesse tipo de bilinguismo, as duas línguas são, em geral, valorizadas socialmente e têm papéis complementares. Em paralelo, pode manifestar-se um “bilinguismo subtrativo” quando a língua do meio é valorizada em detrimento da língua familiar: isso pode levar ao “bilinguismo passivo”, ou mesmo à recusa de uso da língua dos pais (MARGOTTI, 2004, p. 98).

Ao final da pesquisa, pretende-se responder aos questionamentos levantados, bem como verificar em que proporção ocorrem os desvios do padrão. Diante de tais respostas, tentar-se-á compreender as possíveis causas para o fenômeno de alternância de *gênero* no português de contato com o alemão em áreas de imigração no sul do Brasil.

1 PANORAMA HISTÓRICO-SOCIAL E LINGUÍSTICO

1.1. A Colonização e as Línguas de Imigrantes

Na região sul do Brasil, que compreende os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, estabeleceu-se um grande número de imigrantes alemães, formando, assim, comunidades teuto-brasileiras que, ainda hoje, conservam parte de sua cultura original.

Em vista das profundas mudanças políticas e sociais ocorridas na Europa desde o começo do século XIX, entre elas as batalhas pela unificação nacional da Alemanha, a guerra franco-prussiana e a ascensão do capitalismo industrial, contingentes populacionais tornados supérfluos ao novo contexto econômico- produtivo passaram a encaminhar-se para a América, sendo o sul do Brasil um dos principais destinos.

De acordo com considerações feitas por Ianni (1972), o processo de imigração está intimamente ligado a mudanças estruturais, seja dos países de emigração, seja das nações de imigração. Até o início do século XIX, a Alemanha conservou-se essencialmente rural. A revolução agrícola e demográfica, desencadeada neste século, serviu de mola propulsora ao desenvolvimento do processo de industrialização e urbanização.

A principal decorrência dessa revolução no campo foi a queda da estrutura feudal, o que culminou na expulsão de grande parte dos pequenos camponeses alemães. Tal conjuntura tornou a imigração, aparentemente, uma das melhores saídas. Acrescenta-se, ainda, que, no Brasil, esse fato teve respaldo nos interesses do Governo Imperial, já que este buscava recrutar colonos, a fim de estimular o desenvolvimento econômico através da ocupação efetiva do território.

Nos anos 1830 a 1850, os imigrantes provinham do sudoeste da Alemanha, de regiões que tinham como estrutura econômica a agricultura e o artesanato rural, desenvolvido em pequenas fabriquetas domésticas. Entre os anos de 1850 a 1865, as levas de imigrantes se lançaram de regiões agrárias do norte e do leste. Dos demais pontos do território Alemão saíram, durante os anos 1865-1895, grupos sociais economicamente empobrecidos, artesãos e pequenos empresários. Já, por volta de 1880, a maior parte dos emigrados passou a ter procedência das partes urbanas (cf. ALENCASTRO e RENAUX, 1997).

Os imigrantes europeus foram de fundamental importância para a organização de novas estruturas socioeconômicas, políticas e culturais no sul do Brasil. Tal processo demandou dos imigrantes e de seus descendentes a construção de uma nova identidade, na qual as verdadeiras origens se tornaram, muitas vezes, ofuscadas (cf. CUNHA, 1996, p. 255). A heterogeneidade existente entre os grupos de imigrantes, esclarecida pelo fato de estes não terem a mesma origem regional e, conseqüentemente, não terem a mesma herança sociocultural, tornou-se, muitas vezes, bastante acentuada, sendo capaz de levar os imigrantes alemães e italianos, entre outros, a julgarem a si próprios estrangeiros.

Nessa perspectiva, há de se reconhecer o aparato cultural trazido pelos imigrantes alemães, que se encontra refletido nos processos de produção e nas relações de trabalho praticadas nas colônias. Ao passo que alguns traziam uma concepção capitalista das relações de produção – por serem provenientes de regiões mais desenvolvidas, onde a explosão industrial acabou por gerar uma massa de excluídos que foi canalizada para a emigração – outros contingentes não tiveram a mesma origem. Uma parte significativa de imigrantes alemães eram provenientes de regiões marcadas por um padrão econômico agrícola basicamente servil, do qual herdaram um modo de vida bastante peculiar.

Nesse viés, Ianni (1972) elucida que, em grande parte dos casos, o aporte social básico do imigrante é aquele ‘sistema social tradicional’ do camponês reprimido pela estrutura feudal de vida. Por este motivo, sempre que se tenta uma compreensão das atitudes e da própria identidade do imigrante no Brasil, não se pode deixar de partir de um julgamento, não somente das condições socioculturais da comunidade originária, mas inclusive das suas conexões com a estrutura global, sem deixar de lado o grau de importância que as instituições particulares, sejam econômicas, políticas, religiosas etc., têm na construção desse novo indivíduo.

Os autores Alencastro e Renaux (1997), citam que, nos extratos sociais mais modestos na Europa, existia uma “certa carência de sentimento de pátria”³, impulsionada pela não-propriedade do solo, haja vista que a condição de “sem-terra” era equivalente a de ser alguém sem-pátria. Possivelmente, esse desapego do imigrante alemão em relação às suas origens levou-o a ver na emigração uma possibilidade de realizar sua vontade de ser proprietário de um pedaço de terra.

³*Heimatlosigkeit* – termo usado pelos autores.

O tipo de economia colonial implantada pelos imigrantes alemães pode ter sido fator extremamente relevante na conservação do idioma, já que teve como característica marcante o estabelecimento da policultura a qual, segundo a tradição alemã, deveria solidificar o caráter independente dos colonos. Ao lado disso, o trabalho familiar serviria para reforçar essa ideia de independência, uma vez que não se utilizava mão-de-obra externa entre os colonos. Todos os membros da família envolviam-se nas tarefas domésticas e na produção agrícola a fim de alcançar a autonomia econômica.

Diante da resistência dos dialetos Alemães e da preservação de parte da cultura germânica, ressalta-se que a organização formada nos núcleos coloniais autossuficientes, originando novas formas de convivência entre os colonos. Em grande parte desses núcleos, os imigrantes tentaram recriar a noção de Pátria, representada objetivamente pela região colonizada e pelas relações sociais estabelecidas entre os colonos, motivadas por laços de parentesco e amizade que, em última instância, estavam marcadas por um mesmo passado.

A noção de que pertenciam a uma mesma comunidade levou os colonos alemães a promoverem o surgimento de uma série de associações, cujo objetivo era, em princípio, a manutenção da sua herança cultural. As primeiras iniciativas para o estabelecimento da vida comunitária foram a construção de igrejas e escolas e, em seguida, as associações destinadas a promover o convívio social, como os clubes de tiro, corais comunitários, grupos de danças folclóricas, entre outros.

Considerando essa prática, pode-se entender o porquê de os dialetos do alemão servirem, essencialmente, à comunicação entre pessoas de convívio próximo, como parentes, amigos, vizinhos etc. Diante dessa asserção, apresenta-se, abaixo, mapa mostrando a dispersão das colônias alemãs no Sul do Brasil em 1905, em conformidade com as localidades que desenvolveram os dialetos alemães na região.



Figura 1- Mapa mostrando a dispersão das colônias alemãs no Sul do Brasil em 1905.

São de conhecimento público, inclusive retratados na história oficial do País, os eventos repressores que perduraram durante a Segunda Guerra Mundial; bem como a proibição de diversas manifestações culturais e uso de outros idiomas que não fossem o oficial. Souza (1991, p. 73- 74), disserta acerca da prática do bilinguismo em famílias de origem estrangeira durante esse tempo tão obscuro da história mundial.

O referido Autor cita o caso de um falante que, nascido em uma família de origem estrangeira – tendo como idioma materno a língua falada por seus antepassados – teria uma grande dificuldade em sociedade se não aprendesse a língua oficial de país; sob pena de não ser considerado cidadão legítimo. Tal fato lhe acarretaria problemas de toda a ordem: escolar, trabalhista, culturais, salutareis etc.

Ainda conferindo em Souza (1991 p. 73), numerosos países adotaram represálias contra o uso, mesmo que familiar, de Línguas Estrangeiras, mesmo que os respectivos idiomas e/ou dialetos fossem usuais há tempos em seu território. A exemplo da França, que coibiu o uso do polonês aos imigrantes – que se serviam dessa língua em seu convívio comunitário – o Brasil também investiu contra os Alemães e seus descendentes radicados no Sul do País, sendo ainda mais reprimidos no estado de Santa Catarina. Diante disso, fica visível o papel do estado na normatização institucional da língua, sendo imprescindível o uso dos meios escolares e de comunicação para tal modelagem.

Os casos de repressão não ficam no passado, segundo a reportagem (anexo 1) sob o título “É proibido falar Alemão”, pode-se acompanhar o caso de um município localizado à 110 km de Porto Alegre – RS, onde o prefeito proibiu que se falasse o dialeto em sala de aula. O detalhe é que o Prefeito é descendente de italianos e professor de inglês. Cabe acrescentar o testemunho do próprio Autor desta monografia que, em uma reunião pedagógica de uma escola da Rede Estadual em Santa Catarina há pouco menos de quatro anos, acompanhou professores levantar a possibilidade dessa proibição durante as aulas.

1.2. Colonização Alemã na Região da Grande Florianópolis

No intuito de compreender os geolinguísticos e, também, sociohistóricos, apresenta-se o presente tópico com fito à retratar o fenômeno em estudo em um contexto local ligado à

região da Grande Florianópolis, o que torna importante pela proximidade com a capital e consequentemente, servindo de substrato a tantos outros trabalhos da área da linguagem contemplam esse fecundo cenário linguístico-cultural, por ser uma região em que convivem desde os nativos indígenas, perpassando pelos descendentes germânicos, lusitanos, entre outros.

Em setembro de 1828, os primeiros imigrantes alemães de Santa Catarina saíram de seu país de origem, Alemanha, no navio “Johanna Jakobs”, em direção ao Brasil, no qual desembarcaram em outubro de 1828, no Rio de Janeiro. No dia 28 de outubro partiram para o Sul do Brasil, mais precisamente para Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, em dois veleiros, o Brigue Luísa e o Bergantim Marquês de Vianna. Estes veleiros traziam a bordo 635 imigrantes, vindos da região do Rio Mosela, Hunsrück e Eifel, hoje Estado da Renânia-Palatinado, na Alemanha.

Mas foi no dia 01 de março de 1829 que os imigrantes alemães fundaram a primeira colônia alemã de Santa Catarina, São Pedro de Alcântara. Como a terra não era fértil para a colheita, os imigrantes decidiram migrar para outras localidades do Estado, como: Antônio Carlos, Angelina, Blumenau, Pomerode e Águas Mornas.

No dia 06 de maio de 1930 foi fundada a colônia de Antônio Carlos. Alemães comandados por João Henrique Schöeting desbravaram a planície do Rio do Louro, no alto Biguaçu, e deram início a efetiva colonização das terras que viriam compor o município. Foram dez famílias que iniciaram a colonização, primeiro no Louro e mais tarde em Santa Maria e Rachadel. Mas antes da chegada dos alemães nestas localidades, portugueses e negros já habitavam a região.

Em 06 de novembro de 1963, foi criado o município de Antônio Carlos, desmembrando-se de Biguaçu. Seu nome foi uma homenagem ao estadista brasileiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, político mineiro com grande atuação na Revolução de 30. Antônio Carlos mantém ainda características marcantes de sua colonização, como: fé e cultura familiar, culinária, dialeto e a arquitetura germânica dando mais charme para o município⁴.

⁴ Fonte: <http://www.antonioCarlos.sc.gov.br/conteudo/?mode=pa&item=14637&fa=7&cd=24536>. Acesso em 01/02/2019.

O atual município de Águas Mornas⁵, outrora cognominado “Caldas-do-Norte”, também despontou como berço colonial alemão. Em 1837, fundou-se a Colônia de Vargem Grande, por 44 colonos, sendo 43 alemães e um dinamarquês, que abandonaram a colônia de São Pedro de Alcântara fundada em 1829. A colônia foi estabelecida ao longo da nova estrada de Lages, hoje uma pequena comunidade do município. Em 1847, teve origem a colônia de Santa Isabel, fundada por 256 imigrantes recém chegados da Alemanha; contudo, apenas 164 se radicaram na colônia.

A denominação “Santa Isabel” é uma homenagem à então Princesa D. Isabel. Em meio a mata virgem, entre animais e indígnas, iniciava o imigrante a sua nova vida, na terra em que escolheram para seus filhos. Derrubaram a mata e após queima - lá escolhiam os lugares mais apropriados. Próximo às águas para construção de suas novas moradas. Santa Isabel representa a mais antiga colonização evangélica de Santa Catarina.

Em 28 de maio de 1869, a colônia se emancipava. Fundou-se o Distrito de Paz em 1902, tendo a sede fixada em Rancho Queimado, localidade pertencente à Colônia. Em 03 de junho de 1860, foi fundada, através de um decreto do governo federal, a colônia de Teresópolis. Sua população constituía-se de 40 imigrantes alemães vindos da região da Renânia e Westfalia. Teresópolis, desde cedo, constituiu importantes centros comerciais, administrativos e religiosos.⁶

A História de Angelina começa em 1858, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, vindos das colônias vizinhas de Sacramento e de São Pedro de Alcântara. Os colonizadores batizaram o lugar com o nome de “Vila Mundéus” (armadilha rudimentar de caça usada na época). Em 1891, torna-se distrito de São José e recebe o nome de Angelina, em homenagem ao então presidente do Conselho de Ministros do Rio de Janeiro, Ângelo Muniz da Silva Ferraz. Torna-se cidade 70 anos depois, em 1961. Atualmente, o Santuário Mariano ou Santuário Nossa Senhora de Angelina, formado pela Gruta Imaculada Conceição e 14 estações da Via Sacra, tornaram-se pontos turísticos da cidade.⁷

⁵ O Município recebeu esse nome devido à existência de duas fontes de águas quentes (termais) que brotam da terra a uma temperatura de 39°C. com uma vazão natural de 2,4 milhões de litros por dia.

⁶ Fonte: <http://www.guiacatarinense.com.br/aguasmornas/aguasmornas.php> Acesso em 03/05/2019.

⁷ Fonte: <http://www.franciscanos.org.br/v3/fraternidades/casas/angelina/historia.php> Acesso em 03/03/2019.

2. DIALETOLOGIA, GEOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA

2.1 Dialetoлогия

Desde que Georg Wenker iniciou o primeiro estudo dialetológico moderno na Alemanha, em 1876, apesar das diferentes interpretações fundamentadas em pressupostos historicistas, estruturalistas ou gerativistas, a Dialetoлогия vem se ocupando *do estudo do dialeto e dos dialetos* (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998). Com o estudo sistemático dos dialetos regionais, seja quanto a uso das palavras, seu significado ou pronúncia, a atenção dos dialetólogos se voltou ao trabalho de mapear a ocorrências das variantes linguísticas e dispô-las em Atlas Linguísticos.

O trabalho de Wenker teve como resultado o primeiro Atlas Dialeto publicado, o “Sprachatlas Deutchen Reich” (1881) e, *a posteriori*, o “Deutcher Sprachatlas” (1926-1956). A partir de então, as técnicas e a metodologia de coleta e análise de dados foram se modernizando, dentro, é claro, do que as limitações históricas, sociais e tecnológicas permitiam. Se o trabalho de Wenker era via correio, fazendo uso de um questionário remetido aos informantes, na França, Jules Gilliéron e Edmond Edmont – que deu lugar ao “Atlas Linguistique de la France” (1902-1910) – faziam seus inquéritos em domicílio. As visitas de campo eram realizadas por investigadores especializados que inovaram com o emprego de notação fonética sistemática.

Estudos nacionais Similares aos da Alemanha e França foram desenvolvidos em numerosos países: Estados Unidos e Canadá tiveram como seu principal projeto linguístico o Atlas PF the United States and Canada (LAUSC), coordenado por Hans Kurath (1939).

Quando Georg Wenker planejou o Atlas na Alemanha, seu principal objetivo era estabelecer as fronteiras dos dialetos alemães, partindo dos seguintes preceitos: 1) os dialetos eram entidades discretas; 2) os falantes eram falantes de um determinado dialeto ou não; 3) certamente existem fronteiras dialetais. Os dialetólogos começaram a traçar as isoglossas⁸ – a principal criação da Dialetoлогия Tradicional – em mapas que representavam a

⁸ As isoglossas se estruturam conforme o tipo de traço linguístico que descrevem: isoglossas léxicas, de pronúncia (fonéticas e fonêmicas), gramaticais (morfológicas e sintáticas) e semânticas (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998, p.99). OBS.: Há ainda autores que acrescentam a subdivisão de isoglossas linguístico-etnográficas.

descontinuidade das áreas dialetais. As palavras e as pronúncias não se encontravam distribuídas aleatoriamente, mas sim circunscritas a determinadas regiões (cf. TRUDGILL, 1975, p. 232). O mapa abaixo mostra um exemplo de divisão das áreas dialetais (isoglossas) para a ocorrência dos Sufixos usados para designar nomes de localidades.

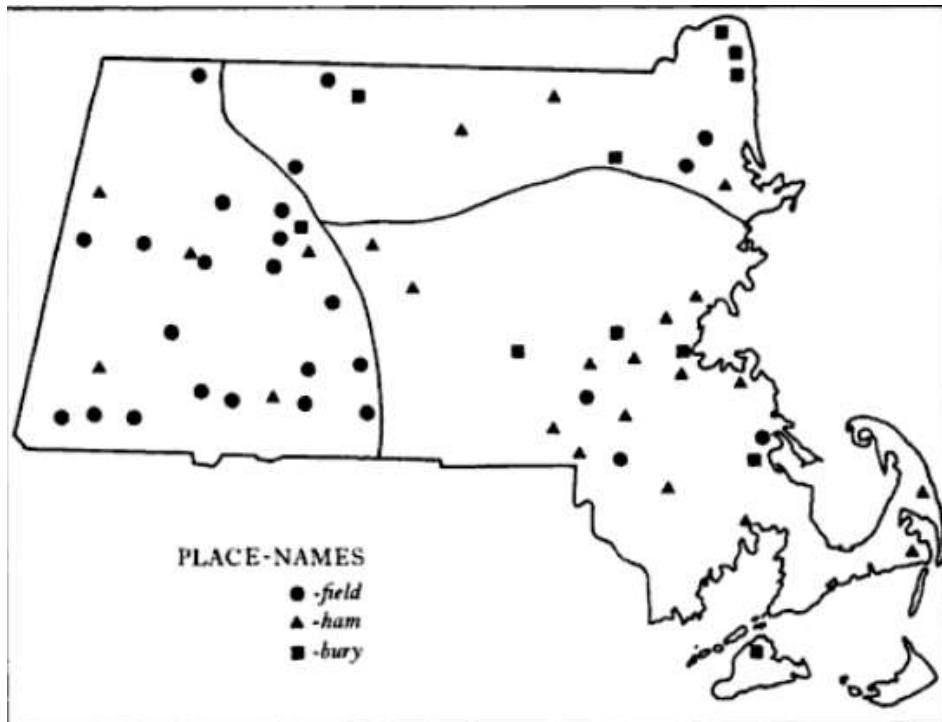


Figura 2 – Mapa do Estado de Massachusetts, mostrando as isoglossas majoritárias que dividem a região em três.

Fonte: Chambers & Trudgill (1998, p. 101).

Na ânsia da busca por dialetos considerados “puros”, dialetólogos em geral selecionavam os informantes atendendo a certas características independentes das diferenças culturais, socioeconômicas ou topográficas. Tais requisitos foram resumidos por Chambers & Trudgill (1998, p. 29) diante da sigla HARAS⁹ – H: homem (porque a fala da mulher tende a ser mais insegura e mais consciente do que a dos homens); A: adulto (para refletir a fala de uma época antiga); R: rurícola (porque no campo as inovações são mais improváveis); A: analfabeto (porque está menos sujeito à influência da escola e da cultura letrada e,

⁹Em inglês NORMs: nonmobile, older, rural, male.

consequentemente, é menos capaz de alterar o registro ou estilo de fala), S: sedentário (para garantir que sua fala é característica da região em que vive).

De fato, a situação real era muito mais complicada do que todos os pressupostos neogramáticos defendiam e, desde o final do século XIX e início do século XX, a questão da distinção dos dialetos, ou a existência de tais fronteiras dialetais, gerou muitas discussões entre os filólogos¹⁰ do momento. Quando os mapas que mostravam traços individuais eram fundidos a fim de visualizar de maneira global, ou seja, incluíam uma série de diferenças dialetais, os dialetólogos descobriram não apenas que, na verdade, poucas isoglossas coincidiam.

Aos poucos, os estudiosos foram descobrindo que as mudanças fonéticas podem aparecer perfeitamente de modos muitos diferentes em localidades também distintas. Dessa forma, como as fronteiras dialetais não ficavam evidentes, a primeira reação foi a de sugerir que não existiam os dialetos. Com o passar do tempo, foi possível detectar modelos que se repetiam nos mapas dialetais, como: Núcleos Centrais, áreas focais, áreas de transição, feixes de isoglossas, áreas relíquias ou remanescentes etc. (cf. Chambers & Trudgill, 1998).

Do ponto de vista teórico, Dialectologia é o estudo da variação diatópica e diastrática de uma dada língua. O mais conhecido e difundido método de investigação dialetológica é conhecido pelo nome de Geografia Linguística, que se baseia em princípios específicos quanto à área geográfica a ser investigada, à rede de pontos, ao perfil dos informantes, aos instrumentos de coleta de dados, ao modo de realizar as entrevistas, entre outros aspectos.

Consoante Chambers & Trudgill (1998), no plano diatópico, existem fenômenos de variação que estão relacionados a cada uma das variedades linguísticas, cujas principais manifestações poderiam ser, por exemplo, as diferentes realizações dos fonemas /s/ e /x/, ou ainda os usos de “tu” e “você” para a segunda pessoa do singular; perfazendo, portanto, uma série de traços cuja variação determina a origem geográfica do falante da língua.

No plano diastrático, há uma variação linguística condicionada pela diversidade social (sexo, idade, nível sociocultural, classe social, profissão, etc.. Nesta área, encontram-se, por exemplo, a variação sócio-gramatical, como na escolha do uso de um nível de linguagem culto em uma situação formal de comunicação e a possibilidade de empregar níveis mais coloquiais em contextos menos formais. Nesse sentido, dependendo dessa interrelação entre

¹⁰ O termo “Filólogo” era amplamente usado para designar o que modernamente se designa “Linguista”.

os fatores sociais e os níveis linguísticos, haveria, portanto, um conjunto de características linguísticas determinadas pela posição do falante da língua dentro da sociedade (CHAMBERS & TRUDGILL, 1998).

Nesse sentido, se antes a Dialetoologia visava ao estudo dos dialetos isolados e restringia-se à variação da língua no espaço geográfico, modernamente ela tende a ser pluridimensional, ampliando-se o campo de observação, para incluir a variação social e em outras dimensões e correlacionado a variação da língua à histórica, às formas de ocupação do espaço, aos estratos sociais, aos estilos de fala, à mobilidade das populações etc.

No tocante à Dialetoologia Pluridimensional, tem-se os estudos dialetológicos ligados a preceitos da Sociolinguística, que analisa a variação e as variantes da língua em relação com a estrutura social das comunidades de fala e, em geral, o estudo da variação conjunta dos fatores linguísticos e sociais. Do ponto de vista metodológico, a descrição das variantes geográficas e sociais das línguas em geral se formulou através da adoção de diversos métodos e modelos de investigação.

Dito de outra forma, a Dialetoologia Pluridimensional engloba as contribuições dos diferentes focos dos estudos dialetológicos sejam tradicionais, históricos, estruturais, sociais ou geográficos.

A linguagem é uma atividade categorizadora. Os linguistas assumiram a propriedade da perspectiva categorial para uma ampla série de unidades estruturais: fonemas, morfemas, línguas, idioletos etc. Assim, para Saussure, a língua é uma estrutura de elementos independentes entre si e claramente distintos uns dos outros, que funcionam por sua presença ou ausência num dado enunciado. Tais elementos se compõem de partes mínimas tendo como principal propriedade serem unidades opositivas e relativas (cf. SAUSSURE, 1976).

Visto que esta categorização da linguagem parece estar baseada diretamente na natureza da atividade linguística, tem-se então uma base útil para uma primeira aproximação entre as gramáticas individuais e sociais, bem como o entendimento dos princípios da composição de tais gramáticas. O caráter descritivo das unidades linguísticas é a condição fundamental da segmentabilidade dos enunciados em unidades de diferentes categorias (cf. Saussure, 1976).

A priori, esta atividade categorizadora da linguagem se revela, por vezes, insuficiente para o entendimento e para uma explicação geral e histórica do processo de mudança/variação

linguística. Nesse viés, o estudo da Variação se opõe a essa perspectiva categorial e rígida. Tanto o mote da expressão como a essência do conteúdo oferecem uma continuidade do espaço dos níveis fonéticos, morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

Assim mesmo, as questões temporais, geográficas e sociais em que se insere a atividade linguística não parecem apresentar limites definidos, e sim gradações contínuas; logo qualquer tentativa de classificação em determinados domínios dá margem a certa arbitrariedade.

A língua se realiza através de suas múltiplas variantes. A variante geográfica (diatópica) não perfaz toda a diversidade das línguas naturais. Normalmente, nos estudos de tradição linguística se pode comprovar quatro tipos de variação interna: a) diatópicas ou geográficas; b) diastráticas ou sociais; e c) Diafásicas ou contextuais¹¹.

Considerando tais nuances de variações, pode-se aludir que as mais exploradas até hoje têm sido as mudanças diacrônicas e as variantes diatópicas. Neste último caso, a explicação se dá de maneira evidente, uma vez que a Dialectologia Tradicional e a Geolinguística se concentraram principalmente no estudo das falas populares e rurais, que ofereciam pouquíssimas diferenças sócio-autóctones de níveis e estilos (cf. COSERIU, 1981, p.16).

Apesar de a variação da língua ser uma propriedade fundamental de todas as línguas particulares, pouco se sabe sobre as motivações e sobre os fatores que atuam na variação das línguas. Além disso, as variações diastráticas e diafásicas mostram transições mais contínuas e instáveis que as diatópicas e diacrônicas. Do ponto de vista linguístico, os geoletos caracterizariam integralmente um modo de falar e integrariam um sistema completo, enquanto os aspectos concernentes aos níveis e estilos da língua seriam considerados meramente parciais (COSERIU, 1981).

¹¹Pode-se acrescentar a diacronia, que não se trata de variante, mas sim de fator de mudança linguística.

2.2 A Sociolinguística em parceria com a Geolinguística

A Sociolinguística se ocupa do estudo da linguagem como fenômeno sociocultural (TRUDGILL, 1983, p.32) e, ao estreitar os laços com a Dialetoлогия, contribui para redefinição e reformulação desta.

Além da dimensão geográfica, os dialetólogos começaram a incorporar uma dimensão social em suas descrições linguísticas. Após a segunda guerra mundial, observou-se que, ao se limitar os estudos dialetais a áreas rurais, ignorava-se a fala da imensa maioria da população, ou seja, a fala das grandes áreas urbanas, que não podiam ser investigadas aplicando os métodos da Dialetoлогия tradicional Rural. Assim, a Dialetoлогия urbana apareceu combinando uma função, tanto linguística quanto social, dentro de uma dimensão sincrônica (cf. TRUDGILL, 1983).

O linguista americano Willian Labov difundiu o conceito de que a maioria das comunidades de fala são mais ou menos heterogêneas linguística e socialmente e que a variação linguística está socialmente condicionada, Labov (1966) aplicou uma metodologia sociológica a uma comunidade linguística heterogênea, com resultados que tiveram importantes implicações teóricas para a teoria linguística (cf. TRUDGILL, 1974, p. 2-3).

Partindo do princípio de que a variação da língua está socialmente condicionada e fazendo uso dos métodos das ciências sociais – como a sociologia e antropologia – e das inovações tecnológicas – gravadores portáteis, por exemplo – o principal objetivo da sociolinguística é obter uma descrição completa e representativa da variedade de fala local dos habitantes de uma comunidade urbana.

Para isto, selecionam os informantes aleatoriamente e relacionam os dados obtidos – traços distintivos pré-determinados – com os parâmetros sociais ou extralinguísticos, tais como: idade, sexo, classe social, grupo étnico, religião etc. Sempre que possível, os pesquisadores tentam obter um discurso livre do informante, ou seja, a fala vernácula, natural (considerando o paradoxo do observador, segundo Labov).

Neste sentido, a Sociolinguística Laboviana não se ocupa apenas da variação social entre indivíduos de diferente posição social, mas também da variação estilística dentro da fala de um informante isolado, submetendo-o a variados contextos de fala – informal, formal, de

leitura etc. Afere-se, ainda a competência comunicativa do informante, averiguando o conhecimento que o falante tem acerca do tipo de linguagem mais apropriado para as diferentes situações sociais.

Jack Chambers & Peter Trudgill (1998) tratam a Geolinguística como a confluência de três áreas: a geografia linguística, a dialetologia urbana e a geografia humana. Trudgill (1983, p. 50) sustenta que os dialetólogos não deveriam contentar-se simplesmente com descobrir a distribuição geográfica dos traços linguísticos distintivos, mas também deveriam ocupar-se em explicar esta distribuição.

Ou seja, dizendo exatamente por que e como os traços linguísticos em processo de mudança linguística se difundem de um lugar ou grupo social a outro, poderíamos entender com maior precisão os mecanismos sociolinguísticos que subjazem a distribuição geográfica das inovações linguísticas. Para tanto, os dialetólogos teriam que empregar determinadas técnicas e conceitos teóricos desenvolvidos por geógrafos sociais. O autor acrescenta, ainda, que os mapas dialetais deveriam ser melhorados mediante ao uso de técnicas cartográficas da Geografia.

2.3 Língua e Dialeto

Em um sentido amplo, consoante Coseriu (1981, p. 4), a língua é um sistema multidialetal, que se vale de uma comunidade idiomática, ou seja, um conjunto de indivíduos pertencentes a uma língua histórica ou idioma. De um lado tem-se o sistema linguístico configurado pela localização das isoglossas, de acordo com a geografia e com a tradição linguística histórica. De outro, ressalta-se que uma “língua histórica” se constitui *a priori* a partir da existência de “línguas comuns”, sendo que este conceito floresce devido à consciência linguística do falante (intercompreensão) e à afinidade entre os grupos de geoletos. Diante disso, a existência das línguas comuns são fatores-chave para a delimitação de línguas históricas (COSERIU 1981, p.4)

Dado o sentido etimológico, o termo dialeto trata de um modo interindividual de falar. O substantivo abstrato grego “dialektos” significava, em princípio, “conversa” ou “modo de falar” e, posteriormente, “variante na qual se dialoga”. A associação com os nomes das

regiões ou de grupos étnicos introduziu a ideia de variante regional (eólica, dórica, jônica etc.), opondo-se à forma da prosa clássica, base da língua comum ou “koiné” dos povos helênicos antigos aos fins do século IV A.C. Por analogia, falou-se depois do dialeto Picardo, Normandio, Bavário etc., e eram relacionados a modos regionais de fala que se caracterizavam por uma gama de caracteres comuns.

Em consonância a isso, Brandão (1991, p. 7) lembra, igualmente, da existência da variação na língua já existente na Grécia antiga, ao se distinguirem as variantes regionais como o eólico, o jônico, o dórico e o ático. Ressalta-se ainda que foi com base nesse último que, a partir do século IV a.C., adotou-se o termo *koinédialektos* – língua comum – usada na situação de interação comunicativa. Cabe ressaltar também que a estratificação social entre os romanos dava origem às subclassificações do latim em *sermo urbanus*, *sermo plebeius*, *sermo rusticus* etc.

A fim de retratar os diferentes conceitos entre língua, dialeto e falares diversos discutidos na atualidade temos nas palavras de Manuel Alvar (*apud* BRANDÃO 1991, p. 12) as seguintes definições:

Língua é o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade falante e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelção, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por ter-se imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem.

O Mesmo autor, a respeito do conceito de dialeto, diz ser um “sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum” (*apud* BRANDÃO 1991, p. 13). Este estudioso, considerado um dos mais eminentes dialetólogos da atualidade, faz distinção, ainda, a despeito do *falar*, distinguindo os falares regionais ante aos locais. Aqueles assumem o caráter de expressarem peculiaridades de uma região; mas que, ao se julgar a coerência interna, carecem da sistematicidade que possuem os dialetos.

Já os falares locais constituem “estruturas linguísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes característicos dentro de uma estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de caráter administrativo” (ALVAR, *apud* BRANDÃO, 1991, p. 13).

Os traços definidores do conceito de “dialeto” São: a) modalidade de fala; b) subordinação a uma língua histórica, e c) existência de um espaço geográfico (ou área dialetal) que sirva de base. Diante disso, um dialeto é uma língua subordinada a uma língua histórica como variante geográfica desta. Aponta-se que uma língua histórica, salvo casos especiais, é uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes e os dialetos são membros desta família ou podem constituir famílias menores dentro de uma maior.

Mesmo observando o modo minucioso que Alvar emprega ao descrever a distinção entre as formas variantes diatópicas, cabe dizer que critérios, sejam extralinguísticos ou não, tornam essa diferenciação entre *dialeto* e *falar* um tanto subjetiva. Diante disso, existe a forte tendência de os linguistas empregarem o termo *dialeto* de forma ampla, como sendo qualquer variedade linguística geográfica, inclusive social¹² (cf. BRANDÃO, p. 13).

Em se recapitulando as valiosas contribuições de Chambers e Trudgill (1998), temos os seguintes conceitos de dialeto, obviamente abominados pelos respectivos linguistas:

Dialeto é uma modalidade sub-padrão, de baixo prestígio, uma forma rústica de língua, geralmente associada ao campestre, à classe trabalhadora, ou a outros grupos carentes de prestígio. Dialeto é, também, um termo frequentemente aplicado a variantes da língua, particularmente àquelas faladas nas mais isoladas partes do mundo, as quais não possuem modalidade escrita. Dialeto é, ainda, relacionado (de forma errônea) a alguns tipos de desvios da norma – sendo tratado como aberrações das normas ditas corretas ou Padrões da língua¹³ (1998, p. 3. Tradução nossa).

Em sentido totalmente inverso às idéias acima, os autores preferiram, “ao contrário, aceitar a noção de que todos são falantes de pelo menos um dialeto – o inglês padrão, por exemplo, é somente um dos muitos outros da Inglaterra – e de que não faz sentido algum supor que um dialeto é de forma alguma superior a outro ” (1998, p. 3. Tradução nossa).

¹² Para a variação social, empregou-se, anteriormente, nesse estudo o termo *socioleto*.

¹³ Dialect is a substandard, low-status, often rustic form of language, generally associated with peasantry, the working class, or other groups lacking prestige. DIALECT is also a term which is often applied to forms of language, particularly those spoken in more isolated parts of the world, which have no written form. And dialects are also often regarded as some kind of (often erroneous) deviation from a norm – as aberrations of a correct or standard from a language.

Retomando a discussão da distinção linguística entre língua e dialeto, Chambers & Trudgill (1998) abordam sob o ponto de vista da *Inteligibilidade Mútua*. Nesse viés, discute-se o fato de o dialeto ser considerado, muitas vezes, subdivisões de uma língua em particular, como é o caso do dialeto Bavário em relação ao Alemão Padrão.

Segundo os linguistas, essa definição nem sempre pode ser aplicada ao pé-da-letra, visto que em certos casos não é o suficiente para certificar a distinção entre o binômio língua e dialeto. Outra forma de lidar com essa questão é assumir que uma Língua é “uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis”. Tal princípio poderia abarcar a ideia, expressa acima, de que um dialeto é uma subparte de uma língua “X” e, além disso, seria capaz de gerar um critério para se distinguir entre as línguas “X” e “Y”.

Contudo, essa tentativa de apartar definitivamente língua e dialeto não é, segundo a dupla de estudiosos, inteiramente bem sucedida. Acrescentam, ainda, que seria particularmente simples “pensar em dois tipos de contraexemplos aparentes” (cf. 1998, p.3). Os autores continuam:

Se nós considerarmos, primeiro, as línguas escandinavas, observaremos que o norueguês, o sueco e o dinamarquês são frequentemente consideradas línguas diferentes. Infelizmente, para a nossa definição acima, eles são mutuamente inteligíveis. Falantes dessas três línguas podem prontamente entender se comunicarem com os demais. Ao inverso disso, enquanto nós poderíamos normalmente considerar o alemão uma língua única, existem alguns tipos de Alemão que não são inteligíveis a falantes de outros tipos. Nossa definição, logo, implicará que o dinamarquês é menos que uma língua, enquanto o alemão é mais que uma língua.¹⁴ (1998, p. 3-4. Tradução nossa)

Diante dessas ponderações, pode-se perceber que ainda há certas arestas no critério de inteligibilidade mútua. Chambers & Trudgill (1998, p 3-4) alertam ainda para outros pormenores. Tem-se aí que muitos suecos podem entender facilmente os noruegueses, contudo não os entendem tão bem como a outros suecos. Por esse motivo, a inteligibilidade mútua entre línguas escandinavas pode não ser completamente perfeita e ajustes devem ser

¹⁴ If we consider, first, the Scandinavian languages, we observe that Norwegian, Swedish and Danish are usually considered to be different languages. Unfortunately, for our definition, though, they are mutually intelligible. Speakers of these languages can readily understand and communicate with one another. Secondly, while we would normally consider German to be a single language, there are some types of German which are not intelligible to speakers of other types. Our definition, therefore, would have it that Danish is less than a language, while German is more than a language.

feitos – seja falar mais devagar, omitir certas palavras ou cuidados na pronúncia de outras – ajustes, estes, que a consciência dos falantes pode alertar como pontos suspeitos à inteligibilidade total.

Há ainda o fato de não haver sempre a proporção de entendimento numa via de mão-dupla; ao passo que, por exemplo, dinamarqueses possam compreender os noruegueses melhor do que estes a aqueles. Logo, entende-se que a inteligibilidade mútua depende de certos aspectos, tais como: grau de exposição ao idioma, grau de instrução escolar e o próprio interesse em compreender a língua ou dialeto questão (TRUDGILL & CHAMBERS, 1998, p.4).

Da mesma maneira que Chambers & Trudgill, Petyt (1980) é cuidadoso ao distinguir língua de dialeto. Uma das distinções, que o autor denomina como sendo uma das mais técnicas, diz que “os dialetos são as diversas formas da mesma língua. Usar uma língua, envolve, necessariamente, o uso de um dos seus dialetos – no caso do Inglês, trata-se do dialeto de Yorkshire, Berkshire, Suffolk, New York, Texas – ou o dialeto Padrão do Inglês¹⁵” (PETYT, 1980, p. 11. Tradução nossa).

Além disso, podem-se diferenciar classes diferentes de dialetos, em função de um critério histórico ou geográfico. Segundo sua origem, os dialetos podem ser primários, se forem anteriores à constituição de uma eventual língua comum; secundários, se forem resultantes da diferenciação regional da língua comum; e terciários, se forem consequência da diferenciação regional de uma eventual variante normatizada. Segundo a extensão geográfica, temos a distinção entre dialeto, subdialeto e fala local (COSERIU, 1981 p.14).

2.4. Variações Standard e Vernacular

Ao se estudar a alternância de gênero, por ser uma variação considerada fora do padrão da língua, faz-se necessário compreender as relações entre o modelos Standard e Vernacular. No tocante à língua, existe a divisão entre as dimensões estrutural, que é dada como descritiva, e a dimensão funcional, que trata dos usos sociais da comunicação. Na

¹⁵ Dialects are the various different forms of same language. Using a language thus necessarily involves using one of its dialect – whether, in the case of English, this is the dialect of Yorkshire, Berkshire, Suffolk, New York, Texas – or Standard English dialect.

primeira, cabem as relações baseadas em preceitos hierárquicos entre os diferentes níveis metalinguísticos.

Ao passo que, à dimensão social, cabe as relações entre “estado da língua e o contínuo dialetal que se materializa no uso que os falantes fazem de seus códigos, podendo ser examinadas no sentido da oposição sociolinguística Standard (como variante superior autônoma) *versus* Vernáculo (como variante social heterônima).

É nesse aspecto que se tornam imprescindíveis os conceitos de *atitude e identidade linguística* (Cf. WEINREICH, 1974). Tal oposição – standard X dialeto – vai muito mais adiante da já consagrada distinção tipológica de W. A. Stewart (1972), em função da estandardização e autonomia.

As variantes normatizadas servem como vínculos entre falantes de diferentes geoletos ao fomentarem, assim, a coesão interna de uma comunidade idiomática. A descrição da variação standard x vernáculo¹⁶ se relaciona, primeiramente, com os grupos sociais e situações contextuais, respondendo a uma dimensão socialmente motivada. Tanto os socioletos normatizados como os vernáculos apresentam estilos formais e informais, considerando o registro oral ou escrito. Ou melhor, a limitação do standard a apenas um dos vários contextos – ao formal, por exemplo –, dentro de uma comunidade de fala, conduz à distinção brutal entre culto e coloquial, à diglossia e, enfim, ao conflito linguístico (cf. FISHMAN, 1972).

Segundo Fishman (1972), A variante normativa é, em princípio, uma variante como todas as demais, contudo esta foi potencializada por um conjunto de causas diversas, até se instituir como a variante de uso empregada, habitualmente, pelos grupos socialmente privilegiados: academia, organismos administrativos, meios de comunicação social etc.

2.5 Estudos Relevantes: Bilinguismo e Contato Linguístico no Sul do Brasil

É certo que muitos estudos já tiveram a prerrogativa de tratar do Bilinguismo e das Línguas de Contato e em Contato na Região Sul do Brasil. Seja na perspectiva da Sociolinguística, da Geolinguística ou da Dialectologia, as pesquisas lançadas foram

¹⁶ Emprega, aqui, o conceito de vernáculo segundo Labov (1966), ou seja, a fala mais natural possível do sujeito, não monitorada por ele.

precursoras de muitas outras que se sucederão e, certamente, são de grande valia, devido à importância de retratar verdadeiras fotografias linguísticas dessa região do Brasil.

Como o mais completo documento, até o presente momento, encontra-se o ALERS (2002 – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – que se estrutura em 4 volumes: Volume I – Introdução; Volume 2: Cartas Fonéticas e Morfossintáticas; Volume III: Cartas Semântico-Lexicais (parte I); Volume IV: Cartas Semântico-Lexicais (parte II). Os dois últimos encontram-se aguardando publicação.

Entre inúmeras contribuições, o ALERS comprova, segundo Koch (2000) e Altenhofen (2002), que Santa Catarina compõe uma área de transição intermediária entre os estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. Tal fenômeno seria resultado das constantes incursões dos tropeiros, bem como movimento migratório de colonizadores em direção ao Rio Grande do Sul.

Margotti (1997) já evidenciara certas tendências a variação/alternância de gênero no português do Sul do Brasil, baseando-se em dados do ALERS. Além disso, Margotti (2004) fez importantes contribuições ao tratar do contato dos dialetos italianos com o português, ressaltando as interferências que a língua dos imigrantes proporcionam, principalmente no sistema fonético-fonológico, como no caso do ditongo [ão].

Em sua tese *Difusão Sócio-geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil*, Margotti (2004) explicita a dinâmica de difusão do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano, mais especificamente em oito pontos (municípios) do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Margotti e Vieira (2006) focaram algumas variantes lexicais, nas quais a variação diatópica demonstra a existência de áreas linguísticas ligadas a várias áreas de colonização do estado de Santa Catarina.

Borstel (2006) tece valiosos comentários com relação à língua e à identidade das minorias alemãs no sul do país, valorizando a identidade e a cultura étnica ao citar os dialetos *hünsrückish*, *brasildeutsch* etc. Além disso, em outros trabalhos (2000, 2003, 2004), a autora defende que a interação contextual e a diversidade linguística em línguas em contato se refletem na língua nacional, apresentando-se como uma “linguagem intercultural e dinâmica, interativa e interdiscursiva”.

Zimmermann (1981) apresentou, em consonância com o contexto histórico e sociolinguístico, o sistema fonêmico do dialeto de Loeffelscheidt da língua alemã –

transplantado para a região de Águas Mornas, SC, comparando-o com o sistema fonêmico da língua portuguesa. O Autor demonstrou as causas das interferências do primeiro no segundo, o que serviu de parâmetro para a melhoria na relação ensino-aprendizagem na referida localidade.

3 GÊNERO MORFOLÓGICO

No século IV a.C., de acordo com ditos de Aristóteles, Protágoras fez uso das noções de *masculino*, *feminino* e *neutro* relacionadas aos substantivos do grego e as aulas de língua materna ou estrangeira têm tentado elucidar, aos alunos, a relação dos gêneros gramaticais desde então.

O próprio Protágoras aparentemente antecipou que o gênero morfossintático dos nomes e o sexo dos respectivos referentes pareciam não corresponder no grego (ver exemplos). Os substantivos *menis* “ira” e *peleks* “elmo” eram ambos femininos em grego, contudo passaram a ser classificados como masculinos, porque este gênero parecia determinar melhor os referentes (cf. ROBINS 1971 [1951]: 15–16)¹⁷.

Apesar da proposta de Aristóteles para as razões gramaticais no tocante ao gênero morfossintático, as definições originais persistiram nas conceituações de gênero das gramáticas clássicas. Em consequência, todas as gramáticas ocidentais seguiram esse modelo disseminando a percepção de que as categorias de gênero gramatical, em uma dada língua, refletem uma conexão entre masculino e feminino, seja nas entidades humanas, seja nos objetos inanimados.

Cabe ressaltar que as classes nominais relacionadas a um sistema de gênero gramatical, diferentemente do sistema semântico de gênero, não correspondem às categorias conceituais. Em outras palavras, não há como (ou pelo menos não há linguisticamente como) explicar porque, baseados nos traços de seus respectivos referentes; ou seja considerando a aparência de uma mesa e a forma de um colar, uma *mesa* é feminino em português e masculino em alemão - *der Tisch*; a exemplo do que também ocorre com o lexema colar, masculino em português e feminino em alemão - *die Halskette*.

Em línguas com dois ou três gêneros gramaticais e sob a nomenclatura de masculino, feminino e neutro, pode parecer um tanto lógico equiparar o gênero gramatical e o sexo biológico – especialmente quando a correlação é entre gênero gramatical e o sexo biológico

¹⁷ Protagoras himself, apparently anxious that the grammatical gender of nouns and the sex of their referents did not always correspond in Greek, is said to have wanted to change the gender of Greek *menis* ‘anger’ and *peleks* ‘helmet,’ both of which are feminine nouns, to masculine because he felt the masculine was more appropriate given the words’ referents.

para nomes que descrevem entes humanos (gênero gramatical nem sempre é arbitrário). Mas ao se tentar comparar da mesma forma os objetos inanimados, frequentemente o resultado se demonstrará arbitrário.

À título de exemplificação, em alemão, o campo lexical das profissões; bem como dos membros da família, convergem em gênero com o sexo biológico: *Die Lehrerin/Der Lehrer* (a professora/o professor); *Die Mutter/Der Vater* (a mãe/ o pai). Cabe ressaltar a existência do gênero neutro em alemão, conforme ocorre no lexema *Das Mädchen* (a menina); nesse caso, o neutro ocorre porque o vocábulo em questão está no diminutivo (*-chen*), sendo que os diminutivos seguem o neutro em alemão.

Os mistérios de como as línguas europeias como o Alemão, Francês, Espanhol ou Italiano categorizam os nomes como masculino, feminino e neutro são elementos que dificultam, e muito, a aprendizagem dessas línguas a usuários que têm em suas línguas maternas gênero gramatical não marcado, como no inglês moderno, por exemplo; o que ocorre mesmo para falantes de línguas que fazem distinção de gênero, nos casos em que a língua aprendida apresenta substantivos que nem sempre convergem com a língua materna em termos de gênero.

A esse tipo de falante, pode parecer arbitrário e sem sentido falar sobre o gênero/sexo de cada objeto, visto que a língua materna deles normalmente reservou tal prerrogativa aos entes humanos e aos animais. Nesse viés, a ideia de que o gênero gramatical supostamente não faz sentido, ou seja, é semanticamente arbitrário, pode fazer menos sentido ainda.

As categorias de gênero gramatical servem para dividir os nomes de uma determinada língua dentro de classes formais, as quais servem de base para a concordância com outros elementos de uma dada sentença (ex.: adjetivos, pronomes, substantivos etc.). Eles parecem tão naturais e funcionais aos falantes nativos destas línguas como qualquer outro traço gramatical. A questão problema está na terminologia. Gênero, de forma simples, indica espécie/tipo; contudo, masculino, feminino e neutro não poderiam servir devido à ambiguidade latente, como nomenclaturas genéricas dentro das classes de palavras. Em resposta a essa questão, linguistas tem tentado desenvolver de forma específica, terminologias menos ambíguas para o sistema de gêneros das línguas do mundo.

O sistema de *gênero* de determinadas línguas sofreram modificações profundas ao longo do tempo. O inglês arcaico difere e muito do antigo inglês, que se desenvolveu entre

750 e 1150 d.C. A estrutura do sistema gramatical de gênero vista no inglês Arcaico é muito semelhante à encontrada no alemão moderno, do qual aquele é considerado uma ‘língua irmã’. O Inglês Arcaico tinha três gêneros gramaticais – masculino, feminino e neutro – e todos nomes inanimados pertenciam a uma dessas classes, algumas vezes por razões morfológicas; mas, frequentemente, por motivos nada óbvios. Por exemplo, *Englaland* – “terra dos anjos” é um substantivo neutro no inglês arcaico (a raiz *land* pertence ao neutro), mas *Engl* (tribo, raça, país) é feminino e *Cydedom* (*kingdom* – reino) é masculino.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A modalidade em foco, na presente pesquisa, é o português falado. Os dados foram coletados junto ao ALERS, considerando que o referido atlas apresenta um levantamento realizado previamente na região sul do Brasil, que serviu como amostra, além de ser um ponto de partida para a investigação.

Cabe dizer que, no levantamento realizado pelos pesquisadores do ALERS, utilizaram-se somente vocábulos que admitem geralmente gênero vacilante, o que poderia gerar algumas dificuldades ao se estabelecer as reais causas para a alternância. Mesmo assim, esses dados foram analisados, comparados e, em certo grau, demonstraram relevantes contribuições para a iminente pesquisa.

A escolha dos pontos analisados considerou a existência iminente de informantes bilíngues – bilíngues em hünsrückish ou em outros dialetos e em português, doravante denominados BPA – empregando o contraste com falantes não bilíngues (NBPA) nessas mesmas localidades pesquisadas.

Os princípios metodológicos contidos já no levantamento dos inquéritos realizados pelo ALERS consideram que todos os informantes BPA entrevistados tenham o dialeto alemão como língua materna (L1) e a língua portuguesa tendo sido adquirida como segunda língua (L2); o que lhes imputa a característica comum do bilinguismo sucessivo¹⁸.

Acrescentou-se, ainda, dados obtidos através do mapeamento das áreas nas quais houve entrevistas com Informantes Bilíngues de Português/Alemão (dialetos), doravante BPA, em uma rede de pontos investigada pelo ALERS. Desde já, ressalta-se que esses vocábulos investigados no ALERS são de gênero vacilante; podendo, então, suscitar dúvidas quanto aos verdadeiros motivos da alternância de gênero; ou seja, se a preferência na realização do gênero foi causada inteiramente por fatores ligados ao bilinguismo, ou se há também motivações inerentes à vacilância de gênero do próprio português. Desse modo, os dados coletados prestarão para análise comparativa com os pontos de informantes não-bilíngues de português/alemão (dialetos), sob a sigla NBPA.

¹⁸Ao bilíngue sucessivo, imputa-se a característica de adquirir a L2 após os 3 anos de idade, já tendo este as bases da L1 formadas (Cf. MCLAUHLIN, 1978).

Entre os NBPA, estão os falantes monolíngues de português, bem como informantes bilíngues de outras línguas ou dialetos¹⁹, distintos do alemão. O Estado do Paraná não será investigado, uma vez que possui apenas um ponto com BPA num total de 100. Adotaram-se então os pontos dos estados de SC e RS, perfazendo um total de 27 pontos com BPA, sendo 17 em SC e 11 no RS e 146 de NBPA, sendo 62 em SC e 84 no RS. Dentre os vocábulos utilizados no inquérito estão: alface, cal, chaminé, gilete, pá, soja, tapa, alfinete, dó, sabonete, saca-rolhas, fantasma.

Nesse sentido, busca-se responder se existe interferência do dialeto no português falado e, em se confirmando a ideia, em segundo lugar, questiona-se se, nas áreas de contato linguístico entre os dialetos alemães no sul do Brasil, o grau de alternância de gênero em português pode ser associado ao grau de bilinguismo.

Organizamos os dados em forma de tabela e gráfico de modo a responder aos questionamentos levantados, bem como verificar em que proporção ocorrem na alternância de gênero. Diante de tais respostas, tentar-se-á compreender as possíveis causas para o fenômeno de alternância de *gênero* no português de contato com o alemão em áreas de imigração no sul do Brasil.

¹⁹ Italiano, Polonês etc.

5. ANÁLISE DOS DADOS: AMOSTRA DO ALERS ENTRE BILÍNGUES E NÃO BILÍNGUES

A seguir apresentaremos alguns dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) sobre variação de gênero em itens lexicais, obtidos nos pontos (localidades) em que os falantes são predominantemente descendentes de imigrantes alemães. Em alguns pontos os informantes da amostra são bilíngues, nesse contexto representam falantes de dialetos alemães como língua materna e de português como L2.

Aos falantes bilíngues de português e alemão, representamos com a sigla BPA e falantes não bilíngues em Português e Alemão, NBPA. Os inquéritos analisaram as variantes do gênero em Língua Portuguesa e os resultados foram apresentados sob a utilização dos códigos numéricos das respectivas cidades pesquisadas.

Nesse sentido, a Tabela 1 considera os pontos de inquérito com dois tipos de informantes BPA e com outros os informantes, apesar do contato com o dialeto alemão, não são falantes bilíngues em português e alemão (NBPA). Nela, buscou-se dividir a realização do gênero morfossintático em relação aos pontos aferidos. Os dados aqui visualizados permitem dizer que, diante do vocábulo “alface”, mesmo considerando apenas os bilíngues, há disparidade quanto a sua realização nos dois Estados.

Nota-se que em SC existe uma maior tendência à alternância do gênero padrão, com 10 (dez) pontos registrando o desvio “o alface” e somente 7 (sete) realizando, conforme o padrão, “a alface”. No Estado do RS, pode-se ver o inverso. Apenas 4 (quatro) ocorrências para “o alface” e, seguindo o *gênero* padrão, verificou-se 6 (seis) casos para “a alface” para BPA.

Nessa organização, buscou-se retratar a quantidade dos pontos por Estado e a respectiva escolha do gênero. Contudo, tabulou-se, em paralelo, a informações dos falantes NBPA. Dessa forma, a tabela serve de base para a construção dos gráficos comparativos a seguir. Mostrando a dispersão da marcação do gênero considerando o fator bilinguismo.

Tabela Gênero Morfossintático - Pontos Bilíngues em SC e RS				
Dados BPA		Dados NBPA		Gênero em Alemão
Palavras de gênero padrão Feminino no Português				
A Alface	O Alface	A	O	<i>Der Salat (masc.)</i>
(SC) 07	(SC) 10	47	16	

(RS) 06	(RS) 04	77	07	
Total 13	Total 14	124	22	
48%	52%	85%	15%	
A Cal				
(SC) 02	(SC) 15	06	57	<i>Der Kalk (masc.)</i>
(RS) 02	(RS) 08	05	76	
Total 04	Total 23	11	135	
15%	85%	08%	92%	
A Chaminé				
(SC) 03	(SC) 13	01	61	<i>Der Schornstein / Der Kamin (masc.)</i>
(RS) 01	(RS) 09	15	69	
Total 04	Total 23	16	130	
15%	85%	11%	89%	
A Gilete				
(SC) 10	(SC) 07	53	10	<i>Die Rasierklinge (fem.)</i>
(RS) 05	(RS) 05	79	04	
Total 15	Total 12	132	14	
55%	45%	90%	10%	
A Pá				
(RS) 15	(SC) 02	44	19	<i>Der Spaten (masc.)</i>
(RS) 09	(RS) 01	76	07	
Total 24	Total 03	120	26	
89%	11%	82%	18%	
A Soja				
(SC) 15	(SC) 02	35	28	<i>Die Soja/ Die Sojabohne (fem.)</i>
(RS) 07	(RS) 03	53	31	
Total 22	Total 05	88	59	
81%	19%	60%	40%	
Palavra de gênero padrão duplo: Masculino ou Feminino no Português				
A Tapa				
(SC) 04	(SC) 12	05	58	<i>Der Klaps (masc.)</i>
(RS) 02	(RS) 08	06	77	
Total 06	Total 21	11	135	
22%	78%	08%	92%	
Palavras de gênero padrão Masculino no Português				
A Alfinete				
(SC) 03	(SC) 14	07	56	<i>Die nadel/ Die Stecknadel (fem.)</i>

(RS) 01	(RS) 09	06	75	
Total 04	Total 23	13	131	
15%	85%	10%	90%	
A Dó				
(SC) 10	(SC) 06	30	32	<i>Das mitleid (neutro)</i>
(RS) 02	(RS) 08	17	63	
Total 12	Total 14	47	95	
48%	52%	35%	65%	
A Sabonete				
(SC) 04	(SC) 13	20	42	<i>Die Seife (fem.)</i>
(RS) 00	(RS) 10	10	74	
Total 04	Total 23	30	116	
15%	85%	21%	79%	
A Saca-rolhas				
(SC) 08	(SC) 09	25	38	<i>Der Korkenzieher (masc)</i>
(RS) 03	(RS) 07	18	66	
Total 11	Total 16	43	104	
41%	59%	29%	71%	
A Fantasma				
(SC) 05	(SC) 12	25	36	<i>Der Geist (masc.)</i>
(RS) 02	(RS) 08	33	50	
Total 07	Total 20	58	86	
26%	74%	41%	59%	

Tabela 1 – Demonstra a quantidade de pontos das respectivas ocorrências, contrastando os BPA com os NBPA. Pode-se verificar também que a classificação do gênero morfossintático na Língua de Contato, o alemão.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019), com base nos dados do ALERS.

Antes de tudo, como assinalou-se anteriormente, os 12 (doze) vocábulos pesquisados pelo ALERS são de gênero vacilante no português brasileiro; ou seja, são comumente encontrados em posição de desvio na língua portuguesa. Destarte, mesmo que o resultado tenha apresentado graus maiores de alternância de gênero, em boa parte dos lexemas, nos bilingues, tal cenário poderia causar certas incertezas principalmente relacionadas aos principais motivos das ocorrências – se ocasionadas pelo fator bilinguismo ou se ocorre a variação por conta de fenômenos linguísticos próprios do português brasileiro falado.

Desse modo, pretende-se, em futuras pesquisas, empreender um estudo de caso, na região de Águas Mornas – SC, com o intuito de corroborar ou refutar os resultados aqui apresentados, por meio de coleta de dados com lexemas de gênero fixo.

Confirmando, em princípio, a ideia de que os vocábulos apresentam desvio mais elevado do português padrão, em relação ao gênero, nos BPA, elenca-se ‘**Alface**’ em que os informantes bilíngues apresentaram 52% para “o alface” em contraste com apenas 15% dos NBPA, cabendo assinalar que a maioria dos BPA seguiram o gênero da L1 *Der Salat*.

Assim, em “alface”, pode-se verificar que existe certa diferença entre os NBPA e BPA, já que os bilíngues usaram, em grande proporção, o gênero masculino na marcação de “alface”. A alternância é ainda maior se considerarmos o estado de SC, onde a marcação não padrão chegou a exceder à marcação em gênero padrão.

No caso de “a cal”, é possível verificar que tanto BPA quanto NBPA seguiram com dados bem próximos na preferência pelo masculino “o cal”. Mesmo em se considerando a equiparação ao gênero no alemão “der kalk”, o fato dos NBPA também terem manifestado essa variante pode indicar que a influência possa ser do Português Brasileiro falado.

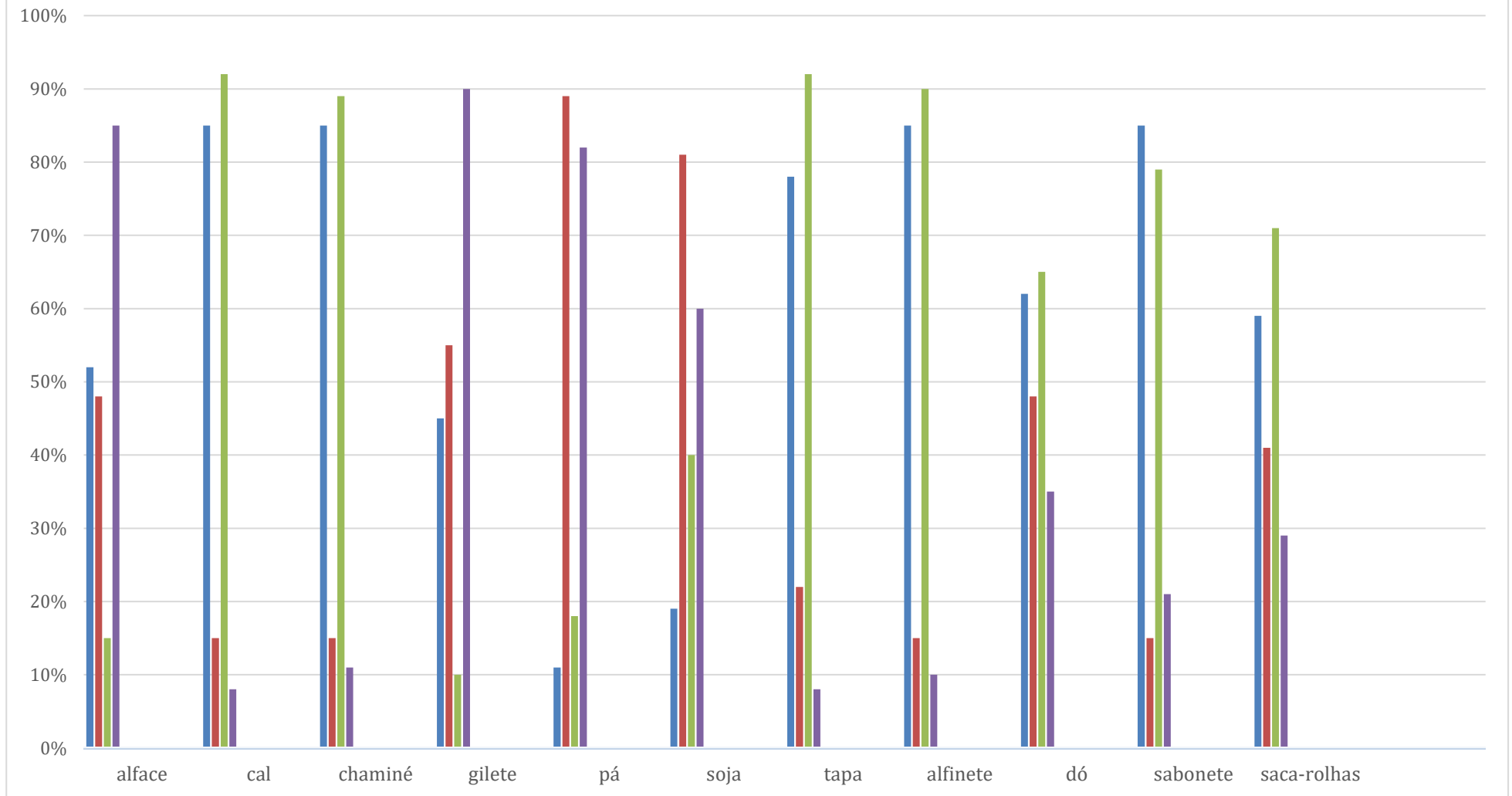
Na mesma situação; ou seja, seguindo o gênero do alemão sem, contudo, apresentar consideráveis diferenciações entre os falantes BPA e NBPA em maior ou menor nível, encontram-se os vocábulos “chaminé” (der schornstein), “soja” (die sojabohne), “tapa” (der klaps), “sabonete” (die seife) e “fantasma” (der geist). De modo análogo; porém sem que a maioria dos BPA e NBPA seguissem o gênero do alemão, cita-se “pá” (der spatel) e “alfinete” (die nadel).

Diante das palavras que diferente gênero em português e alemão, nota-se uma tendência à manutenção do gênero da L1, a exemplo de “saca-rolhas” (Der Korkenzieher), com 59% e 71% seguindo o gênero masculino em BPA e NBPA respectivamente; e “fantasma” com 74% em BPA e 58% em NBPA também se igualando ao masculino da L1 *Der Geist*.

Como elencou-se acima, certos casos analisados, como em dó, cal, chaminé, pá, tapa, alfinete, sabonete não apresentam uma disparidade tão relevante entre os BPA e NBPA; seja ocorrendo a alternância do português padrão ou não. Acredita-se que tal realidade seja originada pelos vocábulos pesquisados serem de gênero vacilante em português; consoante foi dito anteriormente, o que exigiria uma pesquisa de campo mais detalhada em que se utilizassem exemplos com uma marcação de gênero mais definida.

Os dados comentados, até então, podem ser mais amplamente visualizados no gráfico abaixo:

Distinção na realização do gênero entre falantes bilíngues e não bilíngues



■ BPA – realização masculino ■ BPA – realização feminino ■ NBPA – realização masculino ■ NBPA – realização feminino

Gráfico 01 – Distinção na realização do gênero entre falantes bilingues e não bilingues

Fonte: Elaborado pelo Autor (2019), com base nos dados do ALERS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou da suposta interferência dos dialetos alemães na realização do gênero morfológico do português, considerando a percepção do uso de concordância nominal de gênero não-canônica, entre os falantes bilíngues em português e em dialetos alemães na região sul do Brasil.

O iminente estudo buscou investigar se os informantes de comunidades bilíngues, quando falam português, tendem a apresentar um grau de desvio do gênero considerado padrão. Ou seja, dito de outra forma, buscou-se retratar a possibilidade de interferência do dialeto no português falado.

Conforme se discorre na sustentação teórica, diante da hipótese contrastiva, ou hipótese da interferência, Fries (1945) e Lado (1957), enfocaram a noção de alternância do padrão no processo de ensino-aprendizagem. Consoante esse estudiosos, em suma, os falantes de uma língua, ao adquirirem a L2, servem-se da L1. Nesse sentido, o conhecimento linguístico já existente lhes serve de substrato.

Desse modo, perseguiu-se o intento de detectar se a alternância de gênero, no português falado em áreas de contato, ocorre em maior grau nos falantes que têm o Hünsrückisch ou outro dialeto como língua materna do que nos falantes bilíngues precoces ou monolíngues em português.

Destarte, segundo os dados reunidos na fonte do ALERS nos pontos analisados nos estados de SC e RS, considerando substantivos de gênero vacilante em português verificados até então, pode-se assumir que o grau de alternância de gênero em português estaria associado ao grau de bilinguismo em áreas de contato linguístico com dialetos alemães no sul do Brasil.

Diante da necessidade de se trabalhar com os referidos substantivos e por estes serem vacilantes quanto ao gênero, pretende-se pesquisar a suposta ocorrência deste fenômeno linguístico com lexemas de gênero fixo. Nesse sentido, a hipótese de interferência do dialeto alemão necessitaria ser mais amplamente investigada por meio de uma pesquisa de campo com coleta de dados, em pontos da Região da Grande Florianópolis que abrigam tal público

alvo. Por fim, salienta-se que tal trabalho, mais detalhado, é objeto de pretensão a se desenvolver em forma de dissertação de mestrado em futuro breve.

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, L. F. de e RENAUX, M. L. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes.** In: **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 1997. p. 291-335.
- BORSTEL, Clarice Von. **A interface língua e identidade alemã no Brasil.** In: VANDRESEN, Paulino (ORG). **Variação Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul.** Pelotas: EDUCAT, 2006.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil.** Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991
- _____. **Línguas em contato.** Espaço plural – Cultura universitária sem fronteiras – Todas as letras –Cepedal/Unioeste, Marechal Cândido Rondon, PR, Ano II v.5, n.1, p.06-07, agosto/2000.
- _____. **Identidades étnicas e situações de uso de línguas.** Palavra/Departamento de Letras PUC-Rio. V.11, n.1, p. 234-245, 2003.
- _____. **Poliglossia em contextos de ilhas linguísticas.** Jornada de Estudos Linguísticos e Literários/Unioeste –Mal. Cândido Rondon, v.6. n.1, p. 109-124, 2004.
- CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** Cambridge University, 2 ed. 1998.
- COSERIU, E. **Los conceptos de “dialecto”, “nivel” y “estilo” de lengua y el sentido propio de ladialectología,** 1981).
- CUNHA, J. L. da. **Da miséria fugiram (pelo menos a maioria).** In: Nós, os Teuto-Gaúchos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 1996. p.255-266.
- FISHMAN, J. A. **Societal Bilingualism: Stable and Transitional.** In: A. S. Dil (ed.), *Language in Sociocultural Change. Essays.* Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1972, págs. 135-152.
- FRIES, Charles. **Teaching and learning English as a foreign language.** Ann Arbor, University of Michigan Press 1945.
- KOCH, Walter. **Estudos de geolinguística do português americano.** In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (eds)Frankfurt amMain: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; vol.18).
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil.** Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.
- IANNI, O. **Raças e Classes Sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- LABOV, W. **The social stratification of English in New York city.** CAL: Washington, 1966.

LADO, Robert. **Linguística cross Cultures. Applied Linguistics for language teachers.** Ann Arbor, University of Michigan Press 1957.

MCLAUGHLIN, B. **Second-language acquisition in childhood.** New Jersey: Hillsdale, 1978.

MARGOTTI, Felício. **Variações de gênero no Português do sul do Brasil.** In: XI Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná, 1997, Cascavel. XI Seminário do CELLIP - Língua, Literatura e Modernidade: Caderno de Resumos, 1997.

_____. **Ensino de Português e Variantes Morfossintáticas.** In: V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas - Universos da Língua Portuguesa, 1998, Buenos Aires. Universos da Língua Portuguesa, 1998.

_____. **Redução variável do ditongo nasal [-ãw] em Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS.** ENCONTRO REGIONAL DO VARSUL, 12. Porto Alegre, 2001. Comunicação.

_____. **A perspectiva da geolinguística pluridimensional.** Cadernos do IL, Porto Alegre, v. 26/27, p. 67-74, 2003.

_____. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil.** 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARGOTTI, Felício Wessling. VIEIRA, Hilda Gomes. **Indicadores de áreas lexicais em Santa Catarina: subsídios para políticas de ensino de língua portuguesa.** In: GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (org). *Sociolinguística e ensino: contribuições para formação do professor de língua.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

PETYT, K.M. **The Study of Dialect: An Introduction to Dialectology.** Great Britain: Andre Deutsch, 1980.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale** (Lausanne y Paris, 1916), Ed. crít. T. de Mauro, Paris: Payot, 1976, págs. 155-169.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia Linguística: dominação e liberdade.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

STEWART, W. A. **A Sociolinguistic Typology for Describing National Multilingualism,** in: FISHMAN J. A. *Readings in the Sociology of Language*, 3ª ed., The Hague: Mouton, 1972, págs. 531-545.

TRUDGILL, P.J. **Linguistic Geography and Geographical Linguistics,** In: C. BOARD, R. CHORLEY, P. HAGGET & D. STODDART (eds) (1975) *Progress in Geography: International Reviews in Current Research* 7. London: Edward Arnold, 1975. p. 227-252.

_____. **Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society.** London: Penguin, 1983.

_____. **The Social Differentiation of English in Norwich.** Cambridge: C.U.P. 1974.

ZIMMERMANN, Ivo. **Interferência de um dialeto Alemão na língua portuguesa.** Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 1981.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems.** The Hague; Paris: Mouton, 1974 [1953].

WIKIPEDIA. Mapa de dispersão das colônias alemãs no sul do Brasil. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Kolonien_Suedbrasilien.png

**ANEXO A - DISPERSÃO DA MARCAÇÃO DO GÊNERO MORFOSSINTÁTICO
NOS PONTOS COM INFORMANTES BPA NOS ESTADOS DO RIO GRANDE DO
SUL E DE SANTA CATARINA. EM CONJUNTO, INFORMAÇÃO DO GÊNERO
CONSIDERADO PADRÃO.**

Tabela Gêneros Vacilantes Pontos Bilíngues – Com Pontos Discriminados	
Marcado morfológicamente com “a”	Marcado morfológicamente com “o”
A Alface (der salat) (SC)415-452-501-536-537-548-552 (RS) 619-647-689-752-834-838	O Alface (SC)426-475-477-481-511-512-519-550-566-569 (RS)754-759-769-777
A Cal (SC) 452 -552 619-647	O Cal (SC)415-426-475-477-481-501-511-512-519-536-537-548-550-566-569 689-754-759-762-769-777-834-838
A Chaminé (SC) 475-536-552 (RS)619	O Chaminé (SC) 415-426-452-477-481-501-511-512-519-537-548-550-569 (RS) 647-689-754-759-762-769-777-834-838
A Gilete (SC) 452-475-477-511-519-536-550-552-566-569 (RS) 619-647-769-834-838	O Gilete (SC) 415-426-481-501-512-537-548 (RS) 689-754-759-762-777
A Pá (RS) 426-452-477-481-501-511-512-519-536-537-548-550-552-566-569 (RS) 619-647-754-759-762-769-777-834-838	O Pá (SC) 415-475 (RS) 689
A Soja (SC) 415-426-475-477-481-501-511-512-519-536-537-548-550-552-569 (RS) 619-689-754-769-777-834-838	O Soja (SC) 452-566 (RS) 647-759-762
A Tapa (SC) 415-426-452-481 (RS) 754-777	O Tapa (SC) 475-477-501-511-512-536-537-548-550-552-566-569 (RS) 619-647-689-759-762-769-834-838
A Alfinete (SC) 537-550-569 (RS) 777	O Alfinete (SC) 415-426-452-475-477-481-501-511-512-519-536-548-552-566 (RS) 619-647-689-754-759-762-769-834-838
A Dó (SC) 415-475-477-501-511-512-519-536-537-552 (RS) 647-689	O Dó (SC) 426-452-481-548-566-569 (RS) 619-754-759-762-769-777-834-838
A Sabonete (SC) 452-481-566-569	O Sabonete (SC) 415-426-475-477-501-511-512-519-

	536-537-548-550-552 (RS) 619-647-689-754-759-762-769-777-834-838
A Sacarolhas (SC) 452-475-511-548-550-552-566-569 (RS) 619-754-759	O Sacarolhas (SC) 415-426-477-481-501-512-519-536-537 (RS) 647-689-762-769-777-834-838
A Fantasma (SC) 415-481-512-519-552 (RS) 777-834	O Fantasma (SC) 452-475-477-501-511-536-537-548-550-551-566-569 (RS) 619-647-689-754-759-762-769-838
	Palavras de gênero padrão Feminino
	Palavras de gênero padrão duplo: Masculino ou Feminino
	Palavras de gênero padrão Masculino

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do ALERS.